

## A PRESENÇA DA HISTÓRIA NAS EDIÇÕES DO ROMANCE

### HISTÓRICO TRADUZIDO DE ALEXANDRE DUMAS

FÁTIMA OUTEIRINHO  
(Univ. do Porto)

49

Quando escolhemos reflectir sobre a presença da História no romance histórico traduzido de Alexandre Dumas, não tínhamos como propósito trabalhar a obra nem no que toca ao particularismo das relações entre Literatura e História e que ela encerra, nem numa linha de questionamento da efectiva pertença genológica desse conjunto de textos ao chamado romance histórico. Não era também nosso objectivo equacionar a pertença ao domínio do paraliterário da obra dumasiana ou de parte dela, nem tão-pouco dar um contributo para a reavaliação ou reabilitação da obra e do autor.

Interessava-nos outrossim estudar um fenómeno de leitura. Na verdade, a constância, a regularidade, a multimoda circulação das edições da sua obra traduzida em Portugal, a existência afinal dum caso dumasiano no sistema de chegada português, desde o século XIX até à actualidade, é para nós justificação razoável e pertinente para uma reflexão que se prende com processos de cativação do leitorado e/ou de franjas desse leitorado, procurando criar necessidades de leitura e jogando com aquele que se julga ser, num determinado momento, o horizonte de expectativas de um dado grupo de leitores.

Como observa Claude Schopp, «São raros os registos das reacções dos leitores comuns» (Schopp: p. 17). Ora o estudo da materialidade do livro, o estudo das edições de uma obra, num largo transcurso de tempo, parece-nos ser um modo de mitigar a falta de informação sobre os seus leitores efectivos até porque a crescente sofisticação no trabalho editorial faz do livro um objecto cada vez mais marcado por uma presença subliminar do leitor: o livro faz-se para atrair o leitor e essa materialidade construída poderá funcionar, extratextualmente, como roteiro, como guia de leitura, mas também como sinal de uma tomada de consciência, por parte dos editores, face aos interesses dos leitores em determinadas épocas. Esta perspectiva de estudo é então um modo de aproximação a uma putativa recepção da obra e de um autor ou, pelo menos, uma tentativa de dilucidação dos pressupostos que norteiam a leitura.

Se a generalidade das obras de Dumas pai conhece uma considerável difusão ao longo de mais de cento e cinquenta anos, é incontestável o enorme sucesso de *Les Trois Mousquetaires* e *Le Comte de Monte-Christo*, sucesso de resto indiciado no modo como o seu autor é unanimemente apodado no discurso crítico de Oitocentos e de Novecentos. No século XIX, escreve-se, por exemplo, sobre o «legendario auctor dos

*Trez Mosqueteiros e do Monte-Christo* (A *Ilustração*: 1884, p. 22)<sup>1</sup>. Nos nossos dias, a propósito da trasladação dos restos mortais de Alexandre Dumas para o Panthéon, o artigo publicado no *Expresso* intitula-se, sintomaticamente, «O pai de d'Artagnan no Panteão»; o seu autor, em variação retórica, fala ainda do autor «de “Os Três Mosqueteiros”» (Viegas: p. 56).

O volume de traduções repertoriadas, e que inclui as adaptações traduzidas<sup>2</sup>, as adaptações para a infância<sup>3</sup> e para a juventude<sup>4</sup>, as adaptações teatrais e fílmicas abundantes<sup>5</sup>, não desmentem, antes confirmam, o seu bom acolhimento junto do público. Face à diversidade e quantidade do objecto, optámos por eleger como *corpus* de estudo *Les Trois Mousquetaires* e seus prolongamentos (*Vingt Ans Après* e *Le Vicomte de Bragelonne*), em língua portuguesa, procurando explorar a dimensão material do livro, já que a leitura também se faz a partir dum contacto físico com a obra, explorando ainda a vertente paratextual pela informação dirigida que pode conter.

*Les Trois Mousquetaires* ilustra na perfeição um modo de circulação intensa e proteiforme da obra francesa oitocentista em geral. Numa época em que o romance-folhetim já tem lugar cativo no jornal pela fidelização do leitorado que potencia, *Les Trois Mousquetaires* surge, inicialmente, em suporte periodístico no espaço do folhetim de *Le Siècle*, em 1844, conhecendo, no mesmo ano, imediata publicação em livro, o que de resto acontece de modo idêntico com *Vingt Ans Après* e *Le Vicomte de Bragelonne*<sup>6</sup>. No século XIX, a trilogia de Dumas, em língua portuguesa, conhecerá difusão similar: em livro e em folhetim. Em livro e como tradução livre de Hermenegildo Correia, pelo menos no que respeita ao terceiro e quartos tomos publicados<sup>7</sup>, surge com data de 1846 e 1847, respectivamente, e terá sido uma edição assegurada pelo sistema de assinaturas, tão frequente ao longo de Oitocentos, como testemunha o último volume, em nota prévia dirigida “Aos Senhores Assignantes”. Em folhetim, encontrá-la-emos no ano de 1865 no periódico *O Favorito*, no que respeita a *Les Trois Mousquetaires*, e, já o século vai adiantado, toda a trilogia será publicada no jornal *Novidades*, em 1894, 1895 e 1896. A obra de Dumas será ainda vendida em fascículos,

<sup>1</sup> Em «Centenario de Alexandre Dumas», *O Occidente. Revista Ilustrada de Portugal e do Extrangeiro*, 20 de Julho de 1902, p. 154, a lista estende-se um pouco mais e Dumas é lembrado como o autor dos *Tres Mosqueteiros*, *Vinte annos depois*, *Visconde Bragelonne*, do *Conde de Monte-Christo* e do “dramalhão” *Henrique III e a sua Côrte*.

<sup>2</sup> Cf. a recente publicação da Biblioteca Nacional, *Antes das Playstations. 200 anos do romance de aventuras em Portugal*, catálogo que acompanha a exposição homónima, actualmente patente na Biblioteca Nacional. Na verdade, trata-se bem mais do que um simples catálogo pois congrega estudos vários, particularmente em torno de Alexandre Dumas, autor com direito a um núcleo exclusivo na exposição. Parte desta publicação regista o acervo da obra traduzida de Dumas e existente na Biblioteca Nacional. Cf. ainda os volumes II, II, IV de *A Tradução em Portugal* de A. A. Gonçalves Rodrigues, permitindo cruzar dados e complementar a informação.

<sup>3</sup> Em articulação com o cinema de animação, surgem, a partir da década de oitenta, edições como *D'Artacão e os Três Moscãooteiros*, ou, por exemplo, *Os Três Mosqueteiros*, em que os actores Donald, Mickey, Minnie, Margarida, os três sobrinhos de Donald, Pateta e o Tio Patinhas vão filmar *Os Três Mosqueteiros*.

<sup>4</sup> Lembremos *O Conde Monte Cristo*, adaptação de António Mota, editada pela Gailivro, a conhecer uma segunda edição em 2002.

<sup>5</sup> Cf. *O Conde Monte Cristo*, Lisboa, Ed. RTP, 1980, edição baseada no romance de Dumas, livremente adaptado, e ilustrada com fotos da série da TV.

<sup>6</sup> Em 1845, publica-se *Vingt Ans Après* no *feuilleton* de *Le Siècle* e dois anos depois, no mesmo jornal, *Le Vicomte de Bragelonne*. A publicação em livro segue de imediato o folhetim.

<sup>7</sup> De facto, o exemplar encontrado na Biblioteca Pública Municipal do Porto coloca problemas, na medida em que se trata de um único livro a encerrar quatro volumes com informações não convergentes. O primeiro volume não contém folha de rosto; o segundo traz no rosto a data de 1865 e a indicação de ter sido composto em Lisboa, na Typographia da Empresa-Editora L.E.C. Já os terceiro e quarto volumes apresentam respectivamente as datas de 1846 e 1847, tendo saído da Typographia Martins em Lisboa.

uma outra forma de difusão do objecto impresso que o século XIX vulgarizará. Até à década de sessenta e depois, na década de noventa, a obra conhecerá outras traduções, ora apresentando-se apenas com o selo autoral – ser obra de Dumas é garantia suficiente – ora integrando colecções como a da “Bibliotheca de Romances Notáveis”<sup>8</sup>.

De todo o modo, a inscrição dentro do romance histórico numa trilogia que toma como pano de fundo cerca de meio século da História de França, parece ser algo de pacífico, mesmo quando não é explicitamente indexada como tal ou mesmo quando não se publica o texto prefacial do autor a conferir uma pseudo-veracidade ao relato de *Les Trois Mousquetaires*. Na verdade, em Oitocentos e na viragem do século, os próprios textos em torno de Alexandre Dumas falam-nos dos seus romances históricos. Autor anónimo, em opúsculo de cariz biobibliográfico de 1860, traça o percurso de Dumas, iniciado com o drama, rumo a um enorme sucesso e regista: «Apareceram depois *As Impressões de Viagem*, depois a longa serie de romances historicos que dão ao auctor grande fortuna. As suas obras são então compradas adiantadas por todos os jornais, e elle não pôde satisfazer a todos os pedidos dos editores; é então que offerece a grande fabricação de romances (...)» (*Alexandre Dumas Celebre Escripitor Francez*: p. 6). Por ocasião do centenário do seu nascimento, *O Occidente* escrevia: «Nenhum romancista do seu tempo obteve maior celebridade que o auctor dos *Tres Mosqueteiros*, *Vinte annos depois*, *Visconde de Bragelonne*, tres magnificos romances formando um único poema, no qual se passam em revista os mais curiosos trechos da historia de França. Seus romances historicos constituem a sua grande gloria, mas outros escreveu, como *O Conde de Monte-Christo*, cheios de fantasia, e que o mundo inteiro conheceu» (*O Occidente*: p. 154).

Outro é já o panorama encontrado ao longo do século XX e, de um modo mais particular, a partir de meados do século. Se algumas edições da obra apontam para uma pertença tipológica ao romance histórico, a integração das obras dumasianas em colecções populares ou colecções para a juventude colocam a tónica no romance de aventuras, pese embora um trabalho gráfico de capa e de ilustração de sabor marcadamente epocal. Assim, para além de edições que visam contemplar apenas as obras de Alexandre Dumas<sup>9</sup>, podemos encontrar *Os Três Mosqueteiros* em edições que congregam de forma heteróclita e desigual autores clássicos da literatura portuguesa ou universal<sup>10</sup> como Garrett, Balzac, as irmãs Brontë, Dostoiévski, Mérimée, Stevenson, Tolstoi, Zola, mas também o caseiro Rebelo da Silva, a esquecida Mary Floran ou ainda G. A. Henty, também prolífico autor de romance de aventuras.

De acordo com o público visado, a obra dumasiana surge publicada quer em edições mais cuidadas<sup>11</sup> quer em edições que se querem baratas para conquistar um leitorado mais alargado<sup>12</sup>. Ocorrências e funcionamento similares encontrá-los-emos com as obras que constituem prolongamentos de *Les Trois Mousquetaires*: *Vinte Anos Depois* e o *Visconde de Bragelonne*. Em qualquer caso e com frequência, o texto dumasiano traduzido apresenta-se ilustrado com reproduções de gravuras oitocentistas ou então com usos gráficos próprios da técnica da banda desenhada. De passagem, notemos ainda uma prática inesperada numa colecção de “Livros de Bolso”, o caso da Europa-América: revela-se a preocupação em munir o leitor de todo um acervo

<sup>8</sup> A morte de Alexandre Dumas e o centenário do seu nascimento não trouxeram alterações, por acréscimo, à tradução da sua obra.

<sup>9</sup> É o caso das publicações da Guimarães & C.<sup>a</sup>, na segunda década do século XX, ou da Lello, na década de trinta.

<sup>10</sup> Cf. *Os Três Mosqueteiros*, 2 vols., trad. de Carlos Rodrigues, Porto, Livraria Civilização-Editora, col. “Civilização. Nova Série”, 1960.

<sup>11</sup> Cf. edições da Lello, Círculo de Leitores ou Amigos do Livro.

<sup>12</sup> Cf. edições da Crisos ou a da Minerva ou também a das Publicações Europa-América.

informativo em torno da obra e do autor. Assim, se na contracapa de imediato se cataloga a obra como sendo romance histórico, pertencente «a esse género literário que Walter Scott pôs em moda por volta de 1820», e se chama a atenção para um enredo que mistura História e ficção e que tem conquistado gerações de leitores, a anteceder o romance oferece-se uma “Cronologia”, uma “Introdução” e um “Sumário Bibliográfico”.

Os dados recolhidos em torno da obra dumasiana indicam, na aproximação à década de sessenta, uma preocupação por parte das casas editoras em ir ao encontro de um público jovem supostamente sedento de romance de aventuras<sup>13</sup>. Surgem, assim, adaptações de *Os Três Mosqueteiros*, *Vinte Anos Depois* ou de *O Visconde de Bragelonne* a integrar o rol de colecções dirigidas a rapazes como a “Biblioteca dos Rapazes” da Portugaláia. Em *Vinte Anos Depois*, por exemplo, indica-se explicitamente na contracapa a faixa etária a quem a edição se dirige, faixa apesar de tudo alargada – “Dos 12 anos em diante” –, e a edição faz-se acompanhar de um breve texto sobre a obra e o autor, informando sobre as datas de nascimento e morte, apresentando-o como alguém que «Viveu uma vida principesca, permitida pela enorme fortuna que granjeou com a literatura», «um gigante da literatura», de «imaginação poderosa e não menos poderoso estilo, sentido da acção e o dom especial de chamar o passado até o [sic] presente», autor com uma capacidade de produção hercúlea, pois «A sua obra completa conta mais de trezentos títulos» (Dumas: s/d). O texto destaca ainda a trilogia *Os Três Mosqueteiros*, *Vinte Anos Depois* e *O Visconde de Bragelonne*, bem como *La Reine Margot*, *Le Comte de Monte-Cristo*, *Les Quarante-Cinq* e *La Comtesse de Charny*, obras na sua maioria tradicionalmente indexadas ao romance histórico. De *Os Três Mosqueteiros* diz-se que, com as suas personagens lendárias que se tornaram populares, a obra conhece um destaque particular pela fortuna conquistada junto do leitorado desde a sua publicação até à actualidade. Em contracapa, oferece-se um excerto adaptado – a abrir o apetite – e que joga com um universo já familiar ao leitor, causando o prazer do reconhecimento, jogando simultaneamente com a sedução pelo mistério que só a leitura da obra resolverá e com a serialização a que a trilogia em torno de D’Artagnan e os três mosqueteiros dá corpo. Vale a pena lembrar esse curto texto em que, não por acaso, se convocam duas figuras históricas, Richelieu e Mazarin:

«Numa câmara do Palácio Cardinal, que já conhecemos de *Os Três Mosqueteiros*, a uma mesa de cantos de prata dourada, estava um homem com a cabeça apoiada nas mãos. Era o fantasma de Richelieu – Mazarin.

Estava só e sentia-se desapeado. Com um sorriso cínico meditava na agitação popular e reflectia que o mesmo povo que odiara Richelieu o lembrava agora melancolicamente. O rumor que lhe vinha da rua mostrava-lhe quanto a sorte dos favoritos é precária.

Estavam assim as coisas quando introduzimos os nossos leitores no gabinete do cardeal Mazarin. De súbito, como tomado por uma ideia luminosa, puxou duas vezes a campainha e logo se abriu uma porta disfarçada, por onde avançou um homem vestido de negro, que se postou detrás do cadeirão. Depois de curta conversa com o criado, este desapareceu para volver instantes depois. Trazia um fato de mosqueteiro, que o cardeal vestiu.

– Agora vá chamar o senhor D’Artagan.

<sup>13</sup> Nas décadas seguintes e tal como assinalámos em nota anterior, assistir-se-á ainda à emergência de um público-alvo: o público infantil.

Chegado este, ambos saíram a percorrer as ruas e a sondar o coração do povo agitado.

Mazarin contava com o nosso velho conhecido D'Artagnan para levar a bom fim as suas pérfidas resoluções. Conseguiria vencer uma nação descontente?

Levaria os nossos bons mosqueteiros – D'Artagnan, Atos, Portos e Aramis – a porem-se do seu lado e a defenderem a sua causa?

A coragem, o devotamento, a fidelidade a um ideal, tudo o que fez dos quatro amigos os heróis imorredoiros da mocidade, perpassa nestas páginas, onde nem falta a ternura e a dedicação.”.

Os títulos que a “Biblioteca dos Rapazes” integra são, desde logo, títulos de sempre do romance de aventuras, de autoria predominantemente anglófona e oitocentista, como *A Ilha do Tesouro* de Stevenson, *Aventuras de Huckleberry Finn*, de Mark Twain, *História de um Marinheiro* de Marryat, *Os Jovens Caçadores do Mississipi* de Mayne Reid, *Hornblower*, *Tenente da Marinha* de C. S. Forester, *A Ilha de Coral* ou *Os Mercadores de Peles* de Ballantyne, entre muitos outros; mas a colecção integra igualmente *Os Cavaleiros da Távola Redonda*, *O Capitão Fracasse* de Gautier e obras recentes, como as de Odette de Saint-Maurice.

A iniciativa, na mesma década, da Livraria Bertrand/Editorial Ibis em oferecer a colecção “Histórias: colecção para rapazes”, indicia a existência dum mercado ledor jovem, em expansão. Daniel Defoe (*Robinson Crusoe*), Alexandre Dumas, Lewis Wallace (*Ben-Hur*), Fenimore Cooper (*O Último Mobicano*), Jules Verne (*A Volta ao Mundo em 80 Dias*), Walter Scott (*Rob Roy*, *Ivanhoe*, *O Talismã*), Charles Dickens (*David Copperfield*), Stevenson (*A Ilha do Tesouro*) ou Melville (*Moby Dick*), são os autores escolhidos a permitir a fruição de romance de aventuras, romance histórico e romance de antecipação do futuro. De novo, o autor de língua inglesa e oitocentista predomina. Por curiosidade, registre-se a existência na mesma casa editora de “Histórias: colecção para raparigas” a oferecer a esperada Louise May Alcott (*Mulherzinhas*, *Homenzinhos*), os contos de Andersen e de Perrault, Harriet Beecher Stowe (*A Cabana do Pai Tomás*), Lewis Carrol (*Alice no País das Maravilhas*), mas também e inesperadamente Hoffmann (*Contos Fantásticos*). Autor comum a ambas as colecções é Marcel d'Isard, no entanto com títulos bem distintos: para os rapazes propõe-se *O Regresso de Robin dos Bosques* e, para as raparigas, *Sissi*, *Rainha da Hungria*. De um modo claro, a política editorial não só dá conta, condiciona e ratifica uma leitura de género dentro de uma camada leitora jovem como ainda potencia uma juvenilização do leitorado face a obras nem sempre originalmente dirigidas a esse público específico<sup>14</sup>.

Lembremos também uma adaptação de *Les Trois Mousquetaires* para banda desenhada, saída em 1985, e que apresenta não apenas um brevíssimo texto bio-bibliográfico sobre Alexandre Dumas, acompanhado do retrato do autor, como ainda um glossário e um questionário final sobre a história narrada. Verifica-se, com efeito, nalgumas das edições da segunda metade do século XX, preocupações de didactismo através de curtas informações sobre a obra e o autor. Há que reconhecer que os contextos culturais mudam, o público visado também e mesmo os modelos e os conteúdos cognitivos. A acção editorial revela consciência de tal facto.

Caso interessante a testemunhar a capacidade de circulação no tempo da obra de Dumas e o carácter abrangente, mas heterogéneo do seu público é o conjunto de edições da responsabilidade do Círculo de Leitores. Em 1973, a obra apresenta-se

<sup>14</sup> Sobre esta questão e afins consulte-se o estudo “Antes das Playstations” de Manuela Rêgo e Miguel Castelo-Branco em *Antes das Playstations. 200 anos do romance de aventuras em Portugal*, p. 80.

singela, liberta de qualquer rótulo, apenas com um breve texto final sobre “O autor e a sua obra”, no qual se indica quais os “melhores romances” e do autor se diz que é «Dotado de uma imaginação prodigiosa, exercendo o seu ofício de escritor como autêntico profissional – orgulhava-se de durante mais de vinte anos ‘ter escrito dez horas diariamente’ –, Alexandre Dumas é ainda hoje um escritor que se lê com inextinguível agrado e entusiasmo» (Dumas: 1973). Em 1979, o mesmo título é proposto numa colecção de “Grandes Romances Populares” e, em 1995, *Os Três Mosqueteiros* surgem na colecção “Tesouros da Literatura Juvenil”. A juvenilização do leitor a que atrás aludíamos de novo ocorre.

Se, indiscutivelmente, a mestria narrativa de Dumas é o salvo conduto que permite compreender a circulação da obra no espaço e no tempo de diferentes literaturas nacionais e junto de diferentes franjas do leitorado, a materialidade do livro que o estudo das diversas edições em língua portuguesa procurou pôr em relevo, não pode ser minorizada já que ora ratifica o pacto de leitura inscrito no texto, ora constrói um novo pacto de leitura. Na verdade, o pacto de leitura resulta do texto mais que da materialidade que o dá a ler. Obras originalmente apresentadas ao leitor como romances históricos valerão sobretudo ao longo dos tempos como possibilidade de preencher um espaço e um tempo de fantasia, vulgarizando um sabor histórico num romance agora preferencialmente identificado como sendo de aventuras. Mas quanto à capacidade de vulgarização já Alexandre Dumas opinava, revelando uma consciência exacta do público visado:

«Lamartine é um sonhador, Hugo um pensador, e eu um vulgarizador. Do que ha de demasiado subtil no sonho de um, de demasiadamente profundo no pensamento do outro, profundidade que impede algumas vezes que se comprehenda, apodero-me eu, vulgarizador. Dou um corpo ao sonho de um, dou claridade ao pensamento do outro, e sirvo ao publico esta dupla iguaria, que sahida do primeiro o nutria mal, e da mão do segundo lhe causava uma indigestão por demasiado temperada, mas que temperada e apresentada por mim, serve para todos os estomagos, para os mais fracos e para os mais robustos» (*A Illustração*: 1884, p. 22).

## Bibliografia

1860, *Alexandre Dumas Celebre Escripitor Francez*, Lisboa, Typographia de José da Costa, col. "Os Contemporaneos".

2003, *Antes das Playstations. 200 anos do romance de aventuras em Portugal*, edição de Manuela Rêgo e Miguel Castelo-Branco, Lisboa, Biblioteca Nacional.

2002, *Expresso*, Lisboa, 30 de Novembro.

1884, *A Illustração. Revista quinzenal para Portugal e Brazil*, Paris, 5 de Maio.

1902, *O Occidente*, Lisboa, 20 de Julho.

RODRIGUES, A. A.

1992, *A Tradução em Portugal. 1835/1850*, Lisboa, ICALP.

RODRIGUES, A. A.

1993, *A Tradução em Portugal. 1851/1870*, Lisboa, ISLA.

RODRIGUES, A. A.

1994, *A Tradução em Portugal. 1871/1900*, Lisboa, ISLA.